



ENCONTRO #08

MOISÉS E O ÊXODO

1. INTRODUÇÃO

Entre o final do livro do Génesis e o início do Êxodo decorreram 430 anos (Ex 12,40–41). No Egito surgiu uma nova dinastia (Ex 1,8) que desconhecia José (filho de Jacob) e o seu serviço ao país, passando a tratar os seus descendentes de modo totalmente diferente. Temendo o crescimento dos israelitas, os egípcios reduziram-nos à escravidão e obrigaram-nos a construir cidades; porém, quanto mais se intensificava a opressão, mais crescia entre eles o desejo de libertação.

Os israelitas clamaram a Deus, que «ouviu os seus gemidos e se lembrou da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob» (Ex 2,24). Contudo, o desígnio divino era mais amplo do que as aspirações imediatas do povo — algo que Moisés estava prestes a descobrir.

2. MOISÉS O SIGNIFICADO DE UM NOME

Moisés, de quem não há evidência arqueológica fora do texto bíblico, é a figura central desta narrativa; isso não impede que muitos pormenores biográficos tenham sido moldados por esquemas narrativos correntes na época em que os textos foram compostos. Um exemplo paralelo aparece na infância do rei acádio Sargão I (c. 2350 a.C.), onde se lê: «Eu sou Sargão, o poderoso rei de Akkad! A minha mãe era pobre e eu não conheci o meu pai... A minha mãe deu-me à luz em segredo, colocou-me numa cesta de papiro e calafetou-a com betume. Depois abandonou-me junto à corrente do rio (Eufrates), que não me submergiu. A água

levou-me para longe até que Akki me recolheu... olhou para mim com benevolência, adotou-me e instruiu-me.»

O nome Moisés (Ex 2,10), interpretado no texto como 'salvo das águas', provavelmente tem origem egípcia; pode relacionar-se a fórmulas onomásticas como Ramsés ou Thutmose (Tutmosis), que indicam filiação divina - filho de Rá ou de Tuth.

Se é verdade que o episódio da Sarça Ardente fundamenta a vocação de Moisés, ela foi preparada durante muito tempo: Moisés teve uma excelente formação humana na corte do Faraó, uma esmerada educação nos valores de uma civilização avançada como era a do Antigo Egito; alguns autores apontam, no caso do Antigo Egito, tendências henoteístas (culto de um único deus sem se negar a existência de outras divindades), em certos períodos, como no reinado de Akenaton, sem esquecer de que tomou também contato com a religião madianita, da qual o seu sogro (Jetro) era sacerdote.

Todos estes aspetos devem ter predisposto e aberto a alma de quem estava chamado a ser um personagem-chave, na História da salvação: Moisés.

3. O ENCONTRO COM DEUS

Embora fosse hebreu de nascimento, Moisés foi criado como um egípcio. Escondido pela mãe entre os juncos do Nilo para o proteger do massacre dos recém-nascidos do sexo masculino ordenado pelo faraó, Moisés foi encontrado pela filha deste, que o adotou. Nos anos que se seguiram, desenvolveu capacidades que haveriam de ser muito úteis para conduzir o povo de Deus: a liderança, a escrita, a lei e a arte da guerra. Mas cresceu a adorar também os deuses do Egito e tinha, portanto, necessidade de encontrar o «Deus vivente».

Já adulto, matou um egípcio para proteger um escravo hebreu e fugiu para Madiã, onde passou quarenta anos, aprendendo a sobreviver no deserto, outra coisa que se revelou ser muito útil.

A sua vida, porém, mudou quando encontrou Deus numa sarça ardente no monte Sinai, o monte onde depois haveria de receber

os Dez Mandamentos. Aqui, Deus revelou-se-lhe como o Deus dos seus antepassados e disse-lhe que se serviria dele para manter as promessas que lhes havia feito e para libertar o seu povo (Ex 3,1-22).

Primeiro, Moisés disse que não podia fazer isso, mas depois ce-deu e voltou para o Egípto.

4. O NOME PRÓPRIO DE DEUS

O encontro junto da sarça ardente foi a ocasião para Deus revelar a Moisés o seu nome próprio, o «Senhor», que é o modo como a maior parte das Bíblias transpõe para português a palavra hebraica YHWH, que, provavelmente, se pronunciava «Yahwéh».

Este nome próprio sublinha que:

- Deus é um Deus pessoa que quer ser conhecido.
- Deus está sempre presente, como demonstra um jogo de palavras em hebraico.

Quando Moisés pergunta a Deus: «Como te chamas?», Deus responde: «Eu Sou aquele que Sou», mas, depois, prossegue dizendo: «Dirás aos Israelitas: Eu Sou (YHWH) enviou-me a vós» (Ex 3,13-14). Com este jogo de palavras baseado no verbo ser, Deus revela que Ele «É» sempre, em todo o tempo, lugar e situação.

Eis como surge em hebraico o nome de Deus YHWH (lido da direita para a esquerda). Na maior parte das Bíblias, YHWH é traduzido por «SENHOR» em letras maiúsculas, para o distin-

guir de Adonai, uma outra palavra hebraica para dizer «Senhor», mas em relação à qual se utilizam letras minúsculas.

5. AS DEZ PRAGAS

O faraó, relutante em libertar a sua mão-de-obra escrava, recusou inicialmente os pedidos que Moisés, já com oitenta anos, lhe fizera, em nome de Deus.

A Bíblia descreve, então, como Deus submeteu o faraó a pressões crescentes atingindo o Egito com dez pragas (Ex 7,14–12,51).

Cada praga não era apenas uma consequência natural da anterior, mas também um desafio direto aos deuses do Egito, porque cada elemento da criação atingido ou era considerado uma divindade, como o Nilo, ou representava uma divindade, como o touro. Até o maior dos deuses egípcios, Rá (o deus sol), foi obscurecido. Por fim, a própria morte, para a qual os egípcios se preparavam com tanto cuidado, chegou sem pré-aviso e tomou os seus primogénitos.

Só então é que o faraó cedeu e libertou os Israelitas. A sua fuga é conhecida como «êxodo» (palavra de origem grega que significa «partida»).

6. A FESTA DA PÁSCOA JUDAICA: HISTÓRIA E SENTIDO

6.1. FESTA DA PRIMAVERA: PÁSCOA DA NATUREZA

A Festa da Páscoa, de que nos fala a Bíblia, no Antigo Testamento (Ex 12) é a associação de duas festas diferentes relacionadas com a Primavera, que nesse tempo, era também o início de um novo ano. Eram celebradas na Lua Cheia da Primavera (março – abril): A Páscoa do Cordeiro – Festa dos Pastores; A Páscoa do Pão Ázimo – Festa dos Agricultores;

6.1.1. Festa nómada do sacrifício do Cordeiro: para afastar os espíritos maus que prejudicavam o rebanho ou para pedir aos espíritos bons a fecundidade do mesmo.

Alguns destes ritos entrarão, mais tarde, na celebração da Páscoa bíblica do Cordeiro:

- a) Imolação da vítima pela efusão do sangue;
- b) Unção da tenda ou da casa com o sangue;
- c) Refeição familiar sagrada com o cordeiro assado, o pão ázimo e as ervas amargas;
- d) Proibição de quebrar os ossos da vítima e de deixar restos para o dia seguinte;

- e) Celebração na noite de Lua Cheia do primeiro mês do ano, na Primavera.

6.1.2. Festa das Primeiras Colheitas ou do Pão sem fermento: Primeira colheita das espigas de cevada, as primeiras que se podiam ceifar.

Oferta a Deus do primeiro molho de espigas (Lv 23,10-11).

Proibição de comer o Pão fermentado, ou seja, o pão da colheita do ano anterior.

6.2. A PÁSCOA DA BÍBLIA: PÁScoa DA LIBERTAÇÃO, DO ÊXODO

É na mesma época de Primavera, que se dá a grande «epopeia» da libertação do Povo hebreu do Egito, da passagem do Mar Vermelho.

A Páscoa torna-se «passagem»... «êxodo»... Deixa de ser uma Festa da Natureza, para ser uma Festa ligada à História do Povo de Deus.

Os Hebreus ainda hoje celebram anualmente a Páscoa, a libertação do Egito por ação de Deus, tal como Ele tinha ordenado (Ex 12,14-27), para recordar a promessa de Deus de «passar ao lado» das suas casas e poupar os primogênitos.

A história é evocada durante uma ceia especial, em que os vários pratos realçam diversos dos seus aspetos.

- Uma massa doce representa o barro que os seus antepassados usavam para fabricar os tijolos;
- a água salgada, as suas lágrimas;
- um ovo cozido, as suas dificuldades;
- as ervas amargas, a amargura da escravidão;
- um pernil de cordeiro, os cordeiros sacrificiais;
- o pão ázimo (não fermentado), a sua fuga apressada;
- a salsa, um sinal de esperança renovada.

A Páscoa hebraica (ou Festa dos Ázimos) era uma das três festividades anuais que a Bíblia diz terem sido instituídas por Deus em Israel (Ex 23,14-17).

As outras duas eram a Festa da Ceifa (também chamada Festa das Semanas ou Pentecostes), que celebra a ceifa do trigo em maio/junho, e a Festa da Colheita (também chamada Festa dos Tabernáculos), que celebra a colheita da fruta em setembro/outubro e recorda como o povo vivera em «tabernáculos» (tendas) durante a sua viagem para a Terra Prometida.

Os antigos ritos, de significado «natural», passam a ter significado «histórico»:

- a) Sacrifícios das primícias do rebanho > morte dos primogénitos do Egito (Ex 13,2)
- b) Sangue que tingia os postes das tendas... > Javé que poupa os israelitas ao extermínio, «saltando», «passando», ao lado...
- c) Ervas amargas do deserto > opressão do Egito...
- d) Pão ázimo e vestes de peregrino > saída apressada...
- e) Celebração noturna > vigília que Deus fez em favor do seu Povo...

Esta Festa que começara por ser uma Festa de Família, tornar-se-á Festa do Templo, a partir da reforma de Josias (716-687), uma espécie de Festa Nacional de Israel, que celebrava a sua constituição como Povo de Deus. Mas nunca deixará de perder o seu carácter familiar.

7. ÊXODO: INÍCIO DA VIAGEM DE REGRESSO A CASA

Os Israelitas estavam encurralados entre o exército do faraó, que os perseguia, e o mar, à sua frente. Não obstante a tradição, aquele mar não era o Mar Vermelho, mas sim o «Mar dos Juncos», em hebraico Yam Sûph - uma zona pantanosa do delta do Nilo onde «um forte vento de oriente» (Ex 14,21) empurrou as águas para trás, de modo que os Israelitas puderam atravessar a pé. Os pesados carros de guerra do faraó, pelo contrário, atolaram-se e afundaram-se quando as águas voltaram ao seu lugar.

A viagem do Egito até Canaã requeria, normalmente, dez dias, ao longo da linha costeira, mas a viagem de Israel pelos caminhos do deserto demorou quarenta anos, devido às suas lamentações e falta de fé.

A fuga de Israel do Egito foi um acontecimento massivo: um êxodo de 600.000 homens, mais as mulheres e as crianças (Ex 12,37) – provavelmente dois ou três milhões de pessoas ao todo. Mas estas migrações sociais em massa não eram, todavia, invulgares na tardia Idade do Bronze.

Miraculosamente guiados por Deus (Ex 13,21), iniciaram a sua viagem através do deserto, chegando ao monte Sinai três meses depois, onde Moisés se tinha encontrado com Deus pela primeira vez. Ali permaneceram durante um ano e compreenderam que o plano de Deus não era apenas libertá-los da escravidão, mas fazer deles uma nação.

8. MOISÉS: OS PRIMÓRDIOS DE UM POVO

8.1. A ALIANÇA E OS MANDAMENTOS

No monte Sinai, Deus estabeleceu uma aliança desta vez não com um indivíduo (como tinha feito com Abraão), mas com uma nação, constituindo-a «um reino de sacerdotes e uma nação santa» (Ex 19,6). Prometeu abençoá-los e protegê-los, e eles, em troca, consentiram em servi-lo e em obedecer-lhe.

Deus confiou depois a Moisés as suas leis, segundo as quais teriam de viver, e cuja essência eram «os 10 Mandamentos» (Ex 20,1-17; Dt 5,6-21). Estes eram minuciosamente explicados e integrados por outras leis que cobriam todos os aspetos da vida – religioso, social, alimentar, económico e moral – e que se encontram nos livros do Êxodo, do Levítico e do Deuterónimo.

Embora possamos ver estas leis como uma longa lista de coisas a fazer e a evitar, o Antigo Testamento não as entendeu assim. Na realidade, o termo hebraico para «lei» – Torah – significa instrução, guia ou orientação. Por outras palavras, a «Lei» divina era vista como um guia prático para obter o melhor da vida.

8.2. A ARCA DA ALIANÇA

O objeto mais sagrado de Israel era uma caixa de madeira de acácia (1,2 x 0,6 x 0,6 metros) coberta de ouro, contendo as Tábuas da Lei.

Duas varas passavam através das argolas em cada um dos ângulos, para que os Levitas pudessem transportá-la sem tocar nela, sempre que Israel mudava de acampamento.

Sobre a sua cobertura, chamada «assento da misericórdia», dois querubins de ouro com as asas abertas simbolizavam a presença protetora de Deus.



9. O CONCEITO DE SACRIFÍCIO

Embora o sacrifício fosse comum em muitas religiões, representava sempre uma oferenda dos homens aos deuses. Em Israel, pelo contrário, o sacrifício era visto como uma oferenda de Deus ao seu povo (Lv 17,11). Enquanto Adão e Eva tinham procurado esconder o seu pecado (Gn 3,7-11), o sacrifício permitia aos homens enfrentarem o mal que tinham feito.

Um animal morria sem seu lugar diante dos seus olhos. Pondo as mãos sobre a cabeça do animal e cortando-lhe o pescoço para o matar, reconheciam que o pecado leva sempre à morte. Depois, o sacerdote, que era aqui um intermediário, recolhia o sangue do animal num recipiente e levava-o ao altar por conta deles (cf., por ex., Lv 1,1-9).

O processo de tratar o pecado através do sacrifício é chamado

«expição», termo que provém de uma raiz que significa «cobrir». Só quando os pecados são «cobertos» ou «enfrentados» é que os pecadores podem aproximar-se do Deus Santo.

No Novo Testamento, Jesus é descrito como o sacrifício substituto perfeito: aquele que obtém aquilo que todos os outros só podiam preparar e protelar (Heb 10,10-14).

A Bíblia diz que Deus proibiu os sacrifícios humanos (Lv 20,1-5), admitindo apenas animais que fossem exemplares perfeitos, significando que só o melhor servia para Deus. Em Lv 1-7 são descritos cinco tipos diferentes de ofertas:

- Os holocaustos (Lv 1) exprimiam devoção a Deus.
- As oblações (Lv 2) exprimiam gratidão pelos seus dons.
- Os sacrifícios de comunhão (Lv 3) restabeleciam a amizade com Deus e entre os homens.
- Os sacrifícios de expiação (Lv 4) cobriam o pecado involuntário contra Deus.
- Os sacrifícios de reparação (Lv 5-6) cobriam o pecado involuntário contra outras pessoas.

A Lei não continha, todavia, normas para o pecado voluntário e o Novo Testamento ensina-nos que só através da morte de Jesus é que esse tipo de pecado podia, finalmente, ser perdoado.